



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Qualificação Profissional do Prominp e do Programa Jovem Aprendiz

São Paulo-SP, 02 de junho de 2006

Eu vou contar as páginas aqui, para ver se é muito longo o discurso, para diminuí-lo pela metade.

Meu querido companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,

Meu caro Aloizio Mercadante,

Meu caro companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro José Renato Ferreira de Almeida, coordenador executivo do Prominp,

Meu caro Alberto César Bonardi Dias, presidente da Fundação Pró-Cefet,

Senhor Rubens Naves, diretor-presidente da Fundação Abrinq,

Nossos queridos jovens Cristiane Farias, Alan Tany e Ana Rodrigues, que receberam o crachá simbolizando os outros 292 jovens,

Senhores diretores da Petrobras,

Diretores da Agência Nacional de Petróleo,

Senhores do Ministério do Trabalho,

Empresários,

Meus companheiros representantes das outras instituições que participam do Prominp,

Meus amigos da imprensa,

Há uma coisa na vida de um ser humano que poderia tornar todos mais iguais. Entretanto, a forma de organização da sociedade, a distribuição de renda de um país, muitas vezes permite que jovens que são inteligentes não



tenham oportunidade, outros que não são tão inteligentes tenham mais oportunidades, e aí a gente vê a sociedade se dividindo de forma injusta, porque não permitiu que todos pudessem colocar o seu potencial intelectual e profissional para fora.

Eu não sei se os pais dos meninos e das meninas estão aí, mas quando eu entreguei o crachá, vi o José Sérgio Gabrielli entregar o crachá e Marinho, naqueles 30 segundos que aconteceram esse fato, a minha cabeça voltou a 1960, quando eu descobri que tinha uma chance de fazer um curso profissional. Obviamente que eu não tive a felicidade de ser na Petrobras, senão hoje eu estaria no lugar de um de vocês aí. Não foi a Petrobras, mas foi quase igual, chamava-se Fábrica de Parafusos Marte. Essa fábrica estava precisando de um menino para mandar para o Senai. Eu ainda não tinha completado 15 anos de idade, e hoje até parece ser muito simples e irrelevante falar num curso profissionalizante no Senai, mas naquele tempo, e eu acredito que ainda hoje, para os pais dessa juventude, ter acesso a um curso profissional, muitas vezes é a substituição da universidade que esse jovem não pôde ter.

E foi graças a isso, e aí eu quero falar diretamente para os premiados, para aqueles que vão ser aprendizes da Petrobras ou de outras empresas que participam do Prominp, que essa é uma oportunidade rara, e a partir do momento em que vocês começaram a exercer essa atividade, a vida de vocês nunca mais voltará a ser a mesma. Posso garantir que se vocês se dedicarem, há possibilidade de vocês evoluírem cada vez mais. Quando terminarem esse aprendizado, aparecerão outros na frente de vocês. Se não aparecer, vocês irão buscar, porque tudo depende de um começo, e vocês estão tendo um começo.

É importante dizer para vocês que foi graças a um diploma de torneiro mecânico que eu aprendi, e eu repito isso sempre, porque isso, para mim, é uma marca na minha vida. Por conta de um diploma de torneiro mecânico, que



eu aprendi e tirei o diploma em 1963, no Senai, eu fui o primeiro filho de uma família de oito filhos a ter uma casa própria, fui o primeiro a ter televisão, fui o primeiro a ter um carro, fui o primeiro a ter uma geladeira, fui o primeiro, muitas vezes, a ganhar de salário, o valor do salário mínimo. Muitas vezes.

Portanto, quando eu estava entregando o crachá e abraçando aquela menina, eu me lembrei de quando eu ia para o Senai. Eu tinha que fazer um teste no Senai também, viu, Santa Rosa? Você tinha que fazer um teste. E eu não sei porque, eu queria ser torneiro mecânico. Eu nem sabia o que era ser torneiro mecânico. Eu tinha a impressão do meu irmão, eu tinha um irmão que era mecânico, consertava carros na frente de casa e eu achava bonito, ele todo sujo de graxa, de macacão, os bolsos cheios de estopa, estopa toda suja. Eu achava bonito, eu queria ser aquilo. Eu nem sabia o que era, mas eu queria ser aquilo. Eu cheguei lá, tinha vaga de torneiro mecânico no Senai, tinha de fundidor, tinha mais duas ou três profissões, e eu falei: não, eu quero ser torneiro mecânico porque eu achava que era parecido com aquilo que o meu irmão fazia. E aí, quando eu cheguei na fábrica, não tinha muito o que fazer, era moleque, 14 anos, me colocaram para catar pedaços de ferro no chão, em uma metalúrgica pequena, não era tão higiênica como as fábricas de hoje. Minha mãe tinha consertado um macacão para mim, era bonito, um macacão que não era nem da metalúrgica, porque não tinha. Era de uma fábrica de peneiras, e minha mãe desmanchou e fez para mim. Eu me senti o máximo. Eu ia trabalhar, eu andava, acho, um quilômetro e meio a pé ali na Vila Carioca. Eu achava que todas as meninas que passavam na rua, olhavam para mim. Eu me achava, sinceramente, fantástico.

Pois bem, eu estava tão fantasiado com aquela história de aprender uma profissão e de ser mecânico que, no primeiro dia de trabalho, me colocaram para ficar catando os pedaços de ferro... o pessoal cortava ferro na prensa e sempre sobrava um pedaço lá que caía, eu ia lá apanhando aquilo e colocando perto de um forno. E quando chegou na hora do almoço, me deu um calafrio



porque eu queria ser mecânico, estava de macacão, estava trabalhando em uma metalúrgica e não estava sujo. Então, minha mãe ia achar que eu não estava trabalhando. Quando apitou para sair para almoçar, eu fui em um latão de 200 litros de óleo, um óleo que a gente utilizava para temperar peças – você colocava a peça no fogo e ela ficava fervendo de vermelha, aí você metia aquele óleo para temperar – e eu falei: vai ser aqui mesmo. Aí ninguém estava vendo, eu peguei aquele óleo e esfreguei todo na minha roupa, cheguei em casa o próprio mecânico, e minha mãe ficou muito orgulhosa de mim.

Eu estou contando isso para vocês, jovens, porque não são muitas as oportunidades que o jovem brasileiro tem hoje. Se a gente olhar a idade de quem está preso, se a gente olhar a idade de quem está na Febem, se a gente olhar a idade dessas pessoas que estão cometendo crimes, você não vai encontrar ninguém de 80 anos, você não vai encontrar ninguém da terceira idade. Normalmente, são jovens que têm 24 anos, 18, 19, 17, 25, 30, e essas pessoas só chegam a isso pela desesperança, só chegam a isso porque, muitas vezes, dentro de um cubículo onde mora uma família pobre, as pessoas não vêem horizonte e não tendo horizonte, a gente vai tentando se aproveitar daquela primeira oportunidade que aparece, independentemente do que seja a oportunidade.

Eu vi no depoimento de uma menina, aí na televisão, que os pais dela são referência. É por isso que eu também me convenci de que não é a pobreza que leva a pessoa a ser bandido ou a participar de um crime. Ajuda, mas o que leva mesmo um jovem a se desencaminhar é a desagregação da estrutura da família. Eu fui criado, na idade de vocês eu morava nos fundos de um bar, em um quarto e cozinha, morávamos em 13 em um quarto e cozinha, tinha dias que não tínhamos o que comer, mas nós tínhamos uma mãe que abria as asas para que nós soubéssemos que, a qualquer perigo, a gente tinha que voltar para debaixo das asas dela. E minha mãe criou oito filhos. Treze, porque pobre



do Nordeste é assim: vai chegando mais pobre, vai pondo dentro de casa. Pobre não rejeita pobre. Essa é uma máxima da sociedade.

Então nós éramos em oito irmãos. Todos nós fomos criados, todos nós nos casamos, constituímos famílias e ninguém cometeu nenhum erro na vida, passamos a ser pessoas da sociedade com comportamento civilizado. Mas se o jovem não tem dentro de casa uma perspectiva de trabalho, se ele não tem uma perspectiva de estudo, se o pai está brigando com a mãe, se se separam e há uma guerra dentro de casa, onde o jovem não compreende os pais, os pais não compreendem o jovem, e ele perde a perspectiva, para chegar ao abismo é apenas um passo. E essa tem sido uma preocupação constante. É por isso que, nesses três anos, nós criamos muitos programas para a juventude. Mas a dívida que nós temos é tão grande que nós vamos precisar criar muitos outros programas para que a gente possa atender essa crescente demanda que a juventude nos coloca todo santo dia, para que a gente possa atender esse, que é o maior desafio. Porque esses bandidos que vocês viram na televisão esses dias assustando São Paulo, matando policiais, na década de 80 deviam ser meninos de 4 anos de idade, de 5 anos de idade, e que quando nós passamos na rua falávamos: “nossa, que criancinha bonita, que criança maravilhosa, que gordinho, que bochechudo”. Só que essa criança não teve, no tempo certo, a sua esperança atendida, a sua escolaridade atendida, quem sabe por outros problemas que envolveram toda a sua família. Porque nós temos o hábito, quando a coisa não está boa para a gente, de culpar o vizinho, de culpar o amigo. E muitas vezes, nós não procuramos, dentro de nós mesmos, onde é que está o nosso desvio, onde está o nosso defeito.

Então, quando nós criamos o Prominp, quando, lá no Rio de Janeiro, anunciamos, eu não tinha a certeza de que seria tão rápido que a gente poderia viver esse dia de hoje. O que nós estamos fazendo hoje aqui? Nós estamos dizendo para um agrupamento de jovens no Brasil, de meninas e de meninos pobres, estamos dizendo a eles: “olhe, vocês estão tendo uma



oportunidade”. A Petrobras, que é a mais extraordinária empresa brasileira, está assumindo o compromisso de ter, como aprendiz, 2 mil e 700 jovens deste país inteiro. O programa todo prevê logo, logo, com outras empresas, 70 mil jovens. Isso significa que vocês poderão ter a mesma chance que eu tive, vocês poderão ter o mesmo caminho que eu tive, quem sabe muito melhor, porque é a Petrobras que está dando o aprendizado para vocês, não é a minha humilde Fábrica de Parafusos Marte. Mas, aquela fábrica humilde de parafusos Martes, por conta da profissão, eu arrumei emprego numa empresa maior, por conta de uma empresa maior eu aprendi política, fui para o sindicato e, por conta de tudo isso, hoje eu estou, aqui presidente da República. E quem disse que, daqui a 15 anos, dez anos, não pode ser um de vocês que esteja falando no microfone e eu sentado, aqui, já velhinho, tossindo, falando: “meus parabéns, meu presidente da República”. Por que não pode ser exatamente isso? Nós vamos continuar apostando nisso, nós vamos continuar.

José Sérgio Gabrielli, você que era titular de economia da Universidade Federal da Bahia, grande quadro intelectual brasileiro, eu vou dizer uma coisa para você, José Sérgio: em 1998, eu não sei porque neste país o Ministério da Educação decidiu que o governo Federal não ia mais ser o responsável pelo ensino técnico, deixou-se de investir em escola técnica. Nós, agora, revogamos a lei e este ano vamos inaugurar 32 escolas técnicas neste país. Porque você não pode ter um faxineiro e um engenheiro, você tem que ter vários cursos e vários profissionais nesse meio tempo, porque senão fica uma distância muito grande. Da mesma forma que há muito tempo não se fazia universidade neste país, meu caro Santa Rosa. E nós, nesses 42 meses de governo, já estamos fazendo 4 universidades federais novas, já transformamos 6 faculdades em universidades e estamos fazendo 43 extensões universitárias, todas começando neste ano. Sabe por quê? Porque se nós não apostarmos na educação, se nós não apostarmos na formação da nossa juventude, quanto mais as nossas empresas crescerem e todas elas precisarem de mão-de-obra



qualificada, mais rara será essa mão-de-obra qualificada, menos competitividade terá o Brasil nesse mundo globalizado e menos empresas virão investir no Brasil, e as empresas brasileiras, se tiverem que investir irão investir, em outro lugar atrás de mão-de-obra.

Meus queridos meninos e meninas, eu queria dizer para vocês que não faz muito tempo que neste país aqui altos dirigentes da Petrobras diziam na televisão, escreviam nos jornais, que o Brasil não estava preparado para produzir plataformas, diziam que o Brasil não estava preparado para produzir uma série de coisas que, agora, não é, Augusto, estamos produzindo. Se você não deposita confiança no teu taco... a gente aprende é de pequeno. Se nós não depositarmos confiança na nossa gente, na nossa indústria, no nosso trabalhador, quem é que vai acreditar em nós? O nosso concorrente? O nosso concorrente vai querer nos asfixiar. E, por isso, nós estamos acreditando na formação.

Eu vou dar um dado para vocês ficarem surpresos. Todo o sistema de ensino público no estado de São Paulo, que é o maior estado da Federação e que, hoje, tem apenas 18% dos estudantes universitários em escola pública, 82% estão em escolas privadas, em uma demonstração de que foi premeditado o abandono da escola pública neste país, e que só o ProUni, todo o sistema público, Aloizio Mercadante, gera aqui entre 91 mil e 98 mil vagas, entre USP, Unicamp e as federais. Só com o ProUni, em 14 meses em São Paulo, nós colocamos 64 mil meninos e meninas pobres da periferia desse estado para fazer universidade, com bolsas garantidas, por um acordo feito. E fazemos isso porque não tem saída. Não há, na história da Humanidade, nenhum país do mundo que se desenvolveu pela ignorância, não há. Todos que se desenvolveram, acreditaram piamente na Educação e na formação da sua gente.

É por isso que nós... eu, particularmente, tenho certeza de que a alma de quem está aqui está um pouco lavada hoje, porque o surgimento de vocês e



deste Programa vai concretizar uma coisa que eu dizia no começo do governo: quando a gente começa um governo, é como se você tivesse plantando uma lavoura, você planta um pé de laranja, não adianta você ficar batendo em cima dele, “por que é que não deu? Tem que dar agora”. Não, tem um tempo de maturação, você tem que roçar embaixo, limpar, jogar água, não deixar que tenha veneno, que tenha bicho, que tenha qualquer coisa, até que, um dia, você vai lá, pega a laranja, pode descascá-la e chupá-la gostosamente. Hoje, José Sérgio, é o dia da colheita. Nós plantamos e não foram poucos os que acharam que o nosso pé de laranja tinha morrido, não foram poucos os que ficaram em volta do pé de laranja sapateando e dizendo “isso aqui não vai dar em nada”. E hoje, através do Prominp e através da Petrobrás, nós estamos tomando um gostoso copo de suco de esperança.

Meus parabéns a todos vocês, aproveitem e boa sorte.